

10. TRADUÇÕES DE JUANA INÉS DE LA CRUZ NO BRASIL¹



<https://doi.org/10.36592/9786554601726-10>

Nathaly Silva Nalerio²

Andrea Cristiane Kahmann³

1. Introdução

Este trabalho propõe um panorama das traduções de Juana Inés de la Cruz para o português brasileiro com os objetivos de: subsidiar análises sobre a história da tradução da poeta mexicana no Brasil; tecer comentários sobre os meios (editoriais, acadêmicos ou outros) que colocaram a obra sorjuanina em circulação; apresentar um levantamento das pessoas que a traduziram e discutir possíveis motivações e eventuais consequências dessas traduções em nosso sistema literário. São identificados vazios tradutórios e feitas considerações sobre as traduções editoriais e as acadêmicas, mais frequentes a partir do ano de 2007. Para tanto, é preciso, antes, apresentar a autora elegida, razão pela qual a ela se dedica a primeira seção deste trabalho. Na segunda, são apresentadas as considerações, primordialmente de cunho bibliográfico e historiográfico, de que parte esse trabalho. Seguindo Bezerra (2016), Aseff (2023) e Nalerio (2023), são propostas atualizações que viabilizam um panorama tradutório de Juana Inés no Brasil até o ano de 2023. As considerações finais encerram este trabalho apontando a necessidade de traduções e pesquisas futuras.

¹ Algumas discussões apresentadas neste capítulo constam da dissertação de mestrado defendida pela primeira autora (NALERIO, 2023) sob orientação da segunda e em um artigo anterior escrito por ambas (KAHMANN e NALERIO, 2019). Não obstante, o presente texto é um novo esforço a quatro mãos de analisar aspectos que extrapolam os referidos trabalhos.

² Doutoranda em Letras no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha de pesquisa de Literatura, Cultura e Tradução. E-Mail: nsnalerio@gmail.com.

³ Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na graduação e pós-graduação em Letras, e pesquisadora em Estudos da Tradução. Mestre e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-Mail: andrea.kahmann@ufpel.edu.br.

2. Juana Inés, a Fênix das Letras

Juana Inés de Asbaje y Ramírez de Santillana é uma poeta mais conhecida por Juana Inés de la Cruz ou “Sor” [Sóror] Juana, por ter tomado os hábitos aos vinte e um anos de idade. Neste trabalho, optamos por, preferentemente, chamá-la de Juana Inés. É escassa a documentação sobre suas origens, mas a versão mais corrente é de que ela teria nascido em 1648 (JOZEF, 1989), em San Miguel Neplanta, no México. A que hoje é considerada umas das figuras mais emblemáticas das letras mexicanas manifestou muito cedo sua vocação: aos seis anos de idade, lia, escrevia e era considerada uma criança prodígio (PAZ, 2017). Aos oito anos, foi enviada para a casa de parentes na Cidade do México, capital da Nova Espanha. Em 1664, tornou-se dama de companhia e protegida da vice-rainha Eleonor Carreto, a marquesa de Mancera. A Cidade do México vivia então uma efervescência cultural e literária. Na Corte, a menina pôde conviver com mulheres intelectualizadas; a vice-rainha era ela mesma uma amiga das letras e das ciências. Esse ambiente foi fundamental para o desenvolvimento intelectual da jovem Juana Inés, que já sabia castelhano e náhuatl e na Corte aprendeu o latim.

É possível que ela tenha despertado muita inveja, pois, aos dezesseis anos, foi sabatinada por uma banca de quarenta doutores da Universidade do México constituída pelo próprio marquês de Mancera, o vice-rei. As universidades não admitiam mulheres, e, não sendo nobre e nem podendo vislumbrar um bom casamento, Juana Inés precisou ingressar na vida religiosa. Tomou os hábitos pela primeira vez no Convento das Carmelitas Descalças, onde permaneceu por apenas três meses. Segundo Octavio Paz (2017), o rigor das carmelitas a deixaram doente. Um ano e meio depois, ela ingressou no prestigioso Convento de São Jerônimo, que admitia que os trabalhos ordinários fossem feitos por criadas, enquanto as religiosas dedicavam-se à espiritualidade e à intelectualidade. Foi como monja jerônima que Juana Inés angariou a fama de grande escritora que a segue até hoje. No convento, ela pôde constituir uma grande biblioteca particular, estudar diversos assuntos e escrever, dentre outros gêneros, poemas, loas, canções e peças teatrais, desenvolvendo e aprimorando suas habilidades de escrita.

Juana Inés compôs diferentes gêneros e sobre os mais variados temas. No entanto, a crítica contemporânea a recorda principalmente pelos textos polêmicos ou transgressores. As redondilhas de *Homens néscios que acusais*, na tradução das autoras deste trabalho junto com Diana Niño Beltrán, podem ser lidas como uma sátira protofeminista: "Homens néscios que acusais / às mulheres sem razão, / sem ver que sois a ocasião / do mesmo de que as culpais" (KAHMANN e NALERIO, 2019, p. 78). Outra obra desse calibre é a carta a Sórora Filotea de la Cruz. Supõe-se que o bispo Manuel Fernández de Santa Cruz teria escrito à monja-poeta sob uma alcunha feminina, Sórora Filotea de la Cruz, a fim de conquistar sua confiança para solicitar opiniões e depois publicá-las sem consentimento. "É justamente para essa Irmã Filotea o texto em prosa mais feminista, se se pode dizê-lo sem anacronismo, de Sor Juana", segundo análise de Corrêa (2004, p. 197). Nessa carta, Juana Inés defendeu a aptidão das mulheres para a filosofia e criticou o famoso jesuíta português Antonio Vieira. Sua reputação seria abalada por esse episódio, mas o posicionamento em prol dos direitos das mulheres fez com que ela fosse citada por Perelmuter (2021) como a primeira feminista das Américas.

A transgressora escrita de Juana Inés só foi possível, mesmo se considerada a sua condição de religiosa, em função de suas estreitas conexões com os círculos de prestígio, sobretudo com a Corte. Segundo Paz (2017), após o regresso dos marqueses de Mancera à Espanha, outros fortes aliados a protegeram. Entre os anos de 1673 e 1680, Frei Payo, que tinha enorme respeito pela monja-poeta, defendeu-a em alguns embates religiosos. Foi, contudo, entre os anos de 1680 e 1686, sob o protetorado dos novos vice-reis, Tomás Antonio de la Cerda y Aragón e María Luisa Manrique de Lara y Gonzaga, que Juana Inés vivenciou sua mais próspera e produtiva fase. Quando também estes regressaram à Espanha, levaram consigo várias obras reunidas da poeta mexicana e financiaram sua primeira publicação, em 1689, intitulada "Inundación Castálida". Quando também esse laço se perdeu, e suas forças se esvaíram após o escândalo da carta à suposta Sórora Filotea, ela abandonou a carreira de literata. Não é possível apontar as razões que a levaram a desfazer-se de sua biblioteca, mas é sabido que Juana Inés dedicou o resto de sua vida à religião e faleceu em 1695, a causa de uma peste que alcançou o convento.

A reputação sorjuanina, em sua época, chegou a cruzar os mares até a Europa. Mesmo assim, segundo Bezerra (2016, p. 51), “durante um longo período, entre meados do século XVIII até o final do XIX, não se falou sobre ela ou sua obra”. Mora (2021) registra que, no século XVIII, a fama de Juana Inés enfraqueceu juntamente à do barroco gongórico, ao qual se filiava a sua obra. Somente em 1910, quando, sob os impulsos da revolução mexicana, movimentou-se a valorização de autores nacionais, ela reassumiu seu lugar no panteão das letras. Para isso, muito colaborou a publicação, em 1910, de “Juana de Asbaje”, biografia de Amado Nervo, então já famoso poeta. A vida e a obra de Juana Inés passaram a integrar os currículos mexicanos e a serem estudadas principalmente em países latino-americanos, nos Estados Unidos e na Espanha (PERELMUTER, 2021). Sobretudo sob as designações Juana Inés de la Cruz ou “Sor” (Sóror) Juana, a escritora (re)afirmou-se como literatura de referência, como cânone, como digna representante do “Século de Ouro”, da Nova Espanha, do barroco latino-americano. Esse ressurgimento das cinzas fez com que ela fosse associada a “Fênix”. Por ser a única mulher reconhecida desse período que, de tão relevante para as letras hispânicas, até hoje é chamado de “Século de Ouro”, também recebeu a alcunha de “Décima Musa”, uma evocação a Safo de Mitilene, a mais famosa escritora da Grécia Antiga.

Contudo, não foram apenas empolgados estudos teóricos e biográficos que catapultaram Juana Inés a uma revigorada fama. Luiselli (2021) observa que, para isso, também contribuíram as traduções, mais intensas a partir da década de 1920. A próxima seção se dedica às traduções da obra sorjuanina, mais especialmente às traduções brasileiras.

3. A tradução de Juana Inés no Brasil

Entre 1920 e 2000, Juana Inés foi traduzida para diversas línguas, entre elas o inglês, o alemão, o francês, o holandês e o italiano (PERELMUTER, 2021), além do português brasileiro. As traduções editoriais de poesia no Brasil têm sido sistematicamente acompanhadas por Aseff (2023) e, no que se refere especificamente a traduções de Juana Inés, um levantamento foi proposto por Bezerra (2016). Nalerio (2023) ampliou o escopo a outros âmbitos para além do

editorial, incluindo traduções acadêmicas e para jornais e outras mídias. Esse panorama tradutório de Juana Inés no Brasil foi sintetizado no primeiro quadro que se apresenta adiante. No segundo quadro, são incluídas traduções publicadas em 2023, logo após a conclusão da pesquisa de Nalerio (2023). Esta autora, que realizou buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, na plataforma Lattes, em portais de periódicos da área de tradução e em repositórios de universidades brasileiras que possuem cursos em nível de graduação ou pós-graduação em Estudos da Tradução, responde pela elaboração dos dois quadros que se apresentam a seguir.

O quadro 1 sintetiza as traduções de Juana Inés levantadas por Nalerio (2023) e as já mapeadas por Bezerra (2016) e Aseff (2023). Nesse quadro, organizam-se as informações de modo a possibilitar a visualização do ano da tradução ou de sua publicação e o título da obra em que a tradução se inclui, classificando-a como editorial (para a qual se usa a sigla ED) ou acadêmica (identificada pela sigla AC). Em seguida, consta o nome de quem realizou a tradução e o título da obra traduzida (indicando-se o primeiro verso por extenso no caso das poesias sem título). Por fim, soma-se ao título, entre colchetes, a numeração correspondente nas publicações de Cruz (2012, 2016, 2017a, 2017b) para aquela obra. Com objetivo de facilitar as análises, considera-se "obra" cada unidade de criação de Juana Inés, seja ela um poema ou uma peça teatral, e entende-se como "publicação" o livro ou trabalho acadêmico em que se encontram as obras traduzidas. Vejamos, pois, essas informações:

Quadro 1: Levantamento das traduções brasileiras de Juana Inés de La Cruz

Ano	Publicação (tipo)	Tradutores(as)	Obra traduzida – tipo
1945	Poemas Traduzidos 1ª ed. (ED)	Manuel Bandeira	Poema: [84] – Este amoroso tormento
1948	Poemas Traduzidos 2ª ed. (ED)	Manuel Bandeira	Poema: [84] – <i>Este amoroso tormento</i> Auto sacramental: [368] – Fragmento <i>El Divino Narciso</i> Vilancico: [287] – <i>Villancico V</i>
1957	Jornal do Brasil (Jornal)	Mário Faustino	Poema: [211] – 7ª estrofe de <i>Amado dueño mío</i>
1958	Poesia e Prosa vol. 1 (ED)	Manuel Bandeira	Auto sacramental: [368] – <i>El Divino Narciso</i> completo
1963	Estrela da Tarde (ED)	Manuel Bandeira	Loa: [367] – <i>Loa para el Auto Sacramental de El Divino Narciso</i>
1973	Lira da América (ED)	Sólón Borges dos Reis	Poemas: [164] – <i>Esta tarde mi bien cuando te hablaba</i> [165] – <i>Detente sombra de mi bien esquivo</i>
1989	Letras sobre o Espelho (ED)	Tereza Cristófani Barreto	Cartas: <i>Carta de Sor Filotea de la Cruz</i> ⁴ [405] – <i>Respuesta a Sor Filotea de la Cruz</i>
1989	Letras sobre o Espelho (ED)	Vera Mascarenhas de Campos	Poemas: [92] <i>Hombres necios que acusáis</i> [145] – <i>Éste que ves, engaño colorido</i> [146] – <i>¿En perseguirme, mundo, qué interesas?</i> [147] – <i>Rosa divina que en gentil cultura</i> [148] – <i>Miró Celia una rosa que en el prado</i> [149] – <i>Si los riesgos del mar considerara</i> [150] – <i>¿Tan grande, ¡ay hado!, mi delito ha sido</i> [151] – <i>Diuurna enfermedad de la esperanza</i> [152] – <i>Verde embeleso de la vida humana</i> [165] – <i>Detente, sombra de mi bien esquivo</i> [168] – <i>Al que ingrato me deja, busco</i>

⁴ Esta carta não consta na contagem de Méndez Plancarte inclusa nas Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz (2016 e 2017a), pois se trata de uma carta que não foi escrita por ela, mas sim para ela. Por esse motivo, a tradução dessa carta não fará parte das análises quantitativas do presente trabalho.

			<p><i>amante;</i> [184] – <i>Amor empieza por desasosiego</i> [208] – <i>Si un pincel, aunque grande, al fin humano</i> [213] – <i>A estos peñascos rudos</i> [216] – <i>Primero Sueño</i></p>
1990	Grandes Vozes Líricas Hispano-Americanas (ED)	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	<p>Poemas: [164] – <i>Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba</i> [166] – <i>Que no me quiera Fabio al verse amado</i> [172] – <i>Con el dolor de la mortal herida</i> [198] – <i>Dulce deidad del viento armoniosa</i></p>
2000	Poetas do século de ouro espanhol (ED)	Anderson Braga Horta; José Jeronymo Rivera; Fernando Mendes Vianna	<p>Poemas: [92] – <i>Hombres necios que acusáis</i> [164] – <i>Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba</i> [168] – <i>Al que ingrato me deja, busco amante</i> [170] – <i>Cuando mi error con tu vileza veo</i></p>
2006	Antologia Poética Ibero-Americana (ED)	Anderson Braga Horta; José Jeronymo Rivera; Fernando Mendes Vianna	<p>Poema: [145] – <i>Éste que ves, engaño colorido</i></p>
2007	Publicada no blogspot "Medianeiro" de Fabio Aristimunho <i>Blogspot (site)</i>	Fábio Aristimunho	<p>Poema: [92] – <i>Hombres necios que acusáis</i></p>
2009	O barroco hispano-americano (AC)	Leila Maria de Araújo Tabosa	<p>Poema: [216] – <i>Primero sueño</i></p>
2010	Sor Juana Inés de la Cruz: filósofa hispânica do século de ouro (AC)	Aílton de Souza; Jorge Luis Gutiérrez	<p>Poema: [92] – <i>Hombres necios que acusáis</i></p>
2014	Revista Nota do Tradutor (AC)	Giane Oliveira	<p>Poemas: [165] – <i>Detente, sombra de mi bien esquivo</i> [172] – <i>Con el dolor de la mortal herida</i> [211] – <i>Amado dueño mío</i></p>
2016	Tradução comentada da peça teatral amor es más laberinto de Sor Juana Inés de la Cruz: o emaranhado jogo das antíteses	Mara Gonzalez Bezerra	<p>Peça teatral: [396, 397, 398, 399] – <i>Amor es más</i></p>

	(AC) (ainda em vias de publicação editorial na íntegra)		<i>laberinto</i> ⁵
2017	Lira Argenta (ED)	Augusto de Campos	Poemas: [145] – <i>Éste que ves, engaño colorido</i> [151] – <i>Diuturna enfermedad de la esperanza</i>
2018	Sonetos de Juana Inés de la Cruz em Português (AC)	Nathaly Silva Nalerio	Poemas: [147] – <i>Rosa divina que en gentil cultura</i> [164] – <i>Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba</i>
2019	Cultura FM (Rádio)	Fábio Malavoglia	Poema: [92] – <i>Hombres necios que acusáis</i>
2020	Traduzir a poesia de Sóror Juana Inés de la Cruz: manipulação da fama literária, experiência ou usurpação luciferina? (AC)	Victoria Lunardi Bauken; Andrea Kahmann; Nathaly Silva Nalerio Diana Niño Beltrán; Andrea Kahmann; Nathaly Silva Nalerio	Poema: [178] – <i>Yo no dudo, Lisarda, que te quiero</i> Poema: [92] – <i>Hombres necios que acusáis</i>
2021	Tradução Comentada de três sonetos de Sor Juana Inés de la Cruz (AC)	Nathaly Silva Nalerio	Poemas: [152] – <i>Verde embeleso de la vida humana</i> [168] – <i>Al que ingrato me deja, busco amante</i> [177] – <i>Mandas, Anarda, que sin llanto asista</i>
2022	A carta atenagórica de Sor Juana Inés de la Cruz (AC)	Karina de Castilhos Lucena	Carta: [404] – <i>Carta Atenagórica</i>

Fonte: Baseado no quadro de Nalerio (2023).

O quadro 2, que se apresenta agora, complementa o mapeamento de Nalerio (2023), atualizando o panorama de traduções até o final de 2023, quando da última

⁵ Para a realização de sua contagem, Méndez Plancarte divide essa peça teatral em quatro partes: loa que antecede a comédia [396]; primeira jornada [397]; segunda jornada [398] e terceira jornada [399]. Para o propósito das análises, no entanto, será contado como a tradução de 1 (uma) obra.

versão do presente trabalho. Após, comentam-se resultados e discussões sobre um “status tradutório” de Sórora Juana Inés no Brasil.

Quadro 2: Adendo ao levantamento anterior, com as traduções mais recentes no Brasil

Ano	Publicação (tipo)	Tradutores (as)	Obra traduzida
2023	História da tradução de Juana Inés de la Cruz no Brasil [...] (AC)	Nathaly Silva Nalerio	<p>Poemas:</p> <p>[175] – <i>El ausente, el celoso, se provoca</i> [176] – <i>Yo no puedo tenerte ni dejarte</i> [179] – <i>Yo adoro a Lisi, pero no pretendo</i> [180] – <i>Dices que yo te olvido, Celio, y mientes</i> [181] – <i>Dices que no te acuerdas, Clori, y mientes</i></p>
2023	Poesia Seleccionada Juana Inés de la Cruz (ED)	Alex Cojorian	<p>Poemas:</p> <p>[1] – <i>Esos versos, lector mío</i> [2] – <i>Finjamos que soy feliz</i> [17] – <i>Por no faltar, Lisi bella</i> [18] – <i>Hete yo, divina Lisi</i> [19] – <i>Lo atrevido de un pincel</i> [23] – <i>Acuérdome, Filis mía</i> [53] – <i>De la más fragante Rosa</i> [56] – <i>Traigo conmigo un cuidado</i> [82] – <i>Divina Lisi mía - poema</i> [92] – <i>Hombres necios que acusáis</i> [95] – <i>El no ser de padre honrado</i> [103] – <i>Copia divina, en quien veo</i> [152] – <i>Verde embeleso de la vida humana</i> [158] – <i>Señora doña Rosa, hermoso amago</i> [159] – <i>Inés, cuando te riñen por bellaca</i> [160] – <i>Aunque eres, Teresilla, tan muchacha</i> [161] – <i>Inés, yo con tu amor me refocilo</i> [162] – <i>Vaya con Dios, Beatriz, el ser estafa</i> [163] – <i>Aunque presumes, Nise, que soy tosco</i> [164] – <i>Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba</i> [172] – <i>Con el dolor de la mortal herida</i> [180] – <i>Dices que yo te olvido, Celio, y mientes</i> [183] – <i>Probable opinión es que conservarse</i></p> <p>Vilancicos:</p> <p>[224] – <i>Villancico VIII</i> [228] – <i>Villancico IV</i> [241] – <i>Villancico VIII</i> [298] – <i>Villancico VII</i> [299] – <i>Villancico VIII</i></p>

Fonte: As autoras.

Como é possível observar no quadro 1, o marco inicial da história da tradução de Juana Inés de la Cruz no Brasil se dá com Manuel Bandeira. No período em que realizou sua seleção para "Poemas Traduzidos", o escritor pernambucano era professor de literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, o que, segundo Nalerio (2023), pode ter motivado seu interesse pela poeta mexicana. Além disso, Bandeira procurava traduzir poemas com os quais ele mesmo se identificava estilisticamente (SCHRAMM, 2015), atividade que contribuiu para o desenvolvimento de sua própria escrita poética (COSTA, 1986). Assim, a obra de Juana Inés chegou ao Brasil por meio das traduções de um dos maiores poetas brasileiros, fato que recebeu divulgação nos jornais da época (NALERIO, 2023). Talvez esse precedente tão especial tenha gerado a percepção de que não eram necessárias outras traduções mais. O fato é que, afora uma tradução de Mário Faustino publicada em jornal, em 1957, até a década de 1970, as únicas traduções, segundo os critérios de buscas de Nalerio (2023), eram as de Manuel Bandeira (1945, 1948 e 1958).

Nas décadas de 1960 e 1970, houve inédito interesse estrangeiro na tradução de literatura da América Latina, que se alçou a um novo patamar de prestígio. Gabriela Mistral já tinha recebido o Prêmio Nobel em 1945, e, em 1967, também Miguel Ángel Asturias o venceria, seguido por Pablo Neruda, em 1971. Depois, ainda seriam laureados Gabriel García Márquez (1982), Octavio Paz (1990) e Mario Vargas Llosa (2010). Na década de 1970, porém, e somente após o reconhecimento da Europa e dos Estados Unidos, diversos autores latino-americanos foram traduzidos ao nosso português. Esse *boom* da literatura latino-americana ficou mais restrito à prosa, e isso não só aqui. Hobsbawm (1995, p. 485) mencionou especificamente os romances, ao afirmar que "nenhum leitor sério de romances podia, na década de 1970, ter deixado de entrar em contato com a brilhante escola de escritores latino-americanos". Vallerius (2010), porém, observou que foi nesse período que os contos de Jorge Luis Borges foram traduzidos por Carlos Nejar e alcançaram prestígio entre os círculos ilustrados brasileiros. A poesia, mais ardua à tradução, não acompanhou esse movimento. Ainda assim, em 1973, foi publicada "Lira da

América”, a antologia de Sólton Borges dos Reis que incluía a poesia de Juana Inés, como se observa do quadro 1.

Depois disso, só em 1989, publicou-se uma nova tradução da obra sorjuanina no Brasil: “Letras sobre o Espelho”. Este foi um livro de autoria única organizado por Teresa Cristófani Barreto, com traduções suas dos textos em prosa e de Vera Mascarenhas de Campos para as poesias. Essa obra foi de suma importância para a divulgação de Juana Inés no Brasil. Além de constituir uma antologia totalmente voltada à autora mexicana, ela foi lançada em um momento oportuno: na sequência da biografia “Sor Juana Inés de la Cruz: las trampas de la fé”, que reverberou também pelo Brasil na década de 1980 (NALERIO, 2023). A motivação para esse novo projeto de tradução da obra sorjuanina possivelmente se associe ao êxito editorial da biografia. Alguns fatores que podem ter contribuído para a boa acolhida dessa obra são a fama do autor, Octavio Paz (que, em 1990, angariou o Prêmio Nobel de Literatura), a consolidação dos estudos feministas no ambiente universitário brasileiro e os impulsos do restabelecimento da democracia, com o compromisso constitucional de “integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”, previsto no parágrafo único do art. 4º (BRASIL, 1988). Aseff (2023) aponta que foi de 1990 a 2000 que as traduções de poesias de língua espanhola cresceram no Brasil, fenômeno que se manteve nas décadas seguintes, a ponto de estabelecer o espanhol como a segunda língua da qual mais se traduz poesia no Brasil. Esses ecos, decerto, já estavam no ar em 1989, e, na orelha de “Letras sobre o Espelho”, consta a intenção de preencher uma lacuna de traduções de Juana Inés em nosso país (cf. NALERIO, 2023).

Daí em diante, é previsível que tenha havido um impulso de traduções editoriais também da poesia sorjuanina. A partir de Aseff (2023), Nalerio (2023) observa que, nas décadas seguintes, Juana Inés foi incluída em diversas antologias poéticas, organizadas segundo critérios de periodização literária ou de representatividade latino-americana. É o caso das publicações “Grandes Vozes Líricas Hispano-americanas” (1990), “Poetas do século de ouro espanhol” (2000), “Antologia poética ibero-americana” (2006) e “Lira Argenta” (2017). Essas antologias, porém, elegem os poemas mais célebres da Décima Musa, reforçando-

os no cânone em tradução, ao invés de trazer novidades. As duas traduções de *Hombres necios que acusáis* divulgadas em outras mídias, tanto a publicada em um blogspot on-line (ARISTIMUNHO, 2007) quanto a divulgada em uma rádio on-line (MALAVOGLIA, 2019), embora não inovem na escolha do título a traduzir, têm a vantagem de atingir um público mais amplo. Os poemas retraduzidos podem ser observados no quadro 1, e dentre eles destacamos justamente as redondilhas de *Hombres necios que acusáis* e o soneto *Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba*. Obras reverenciadas no sistema de origem, como a *Carta Atenagórica*, seguiam, porém, em uma espécie de vazio tradutório.

As traduções acadêmicas tomaram impulso a partir da consolidação dos Estudos da Tradução na universidade brasileira. Guerini, Torres e Costa (2013) referem a criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* específicos em tradução, iniciados com a PGET, a Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2004. Em nível de graduação, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), lançado em 2007, no segundo governo Lula, impulsionou a criação de bacharelados voltados para a tradução, como ocorreu na Universidade Federal de Pelotas, à qual se vinculam as autoras. O panorama brasileiro de traduções mudou radicalmente a partir disso. Em alguns casos, inclusive, produções editoriais bem-sucedidas foram precedidas por trabalhos acadêmicos bem avaliados ou por tradutores cuja reputação tinha sido conquistada no ambiente acadêmico. Contudo, isso ainda não aconteceu com Juana Inés no Brasil. As duas publicações editoriais recentes, a antologia “Lira Argenta” (2017), que inclui dois poemas sorjuaninos em tradução de Augusto de Campos, e o livro de autoria única “Poesia Seleccionada: Juana Inés de la Cruz”, cujo tradutor foi Alex Cojorian (2023), não se enquadram nesse caso⁶. Ademais, considerando cada título (inclusive um poema) como uma unidade, é de notar que, quantitativamente, o número de traduções no meio acadêmico (dezenove ao total, espalhadas em dez trabalhos mapeados) é significativamente menor do que o número de traduções no meio editorial (sessenta e um no total, incluindo as retraduições). Isso ocorre porque duas obras de autoria

⁶ É o que estimamos tendo em vista que, em 17 de abril de 2024, constatamos que a última atualização do currículo Lattes de Alex Cojorian fora realizada em 25 de janeiro de 2016.

única da autora, "Letras sobre o Espelho" (1989) e "Poesia selecionada: Juana Inés de la Cruz" (2023), somam sozinhas um total de quarenta e quatro traduções. Apesar disso, foi do meio acadêmico que advieram os mais perceptíveis esforços recentes por preencher os vazios tradutórios. Um exemplo é a tradução de Karina Lucena (2022), docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que publicou a única tradução conhecida para a Carta Atenagórica. O mesmo intuito se observa em Nalerio (2023), que propôs uma primeira tradução a cinco sonetos, os de números 175, 176, 179, 180 e 181. As traduções acadêmicas têm a vantagem de constituírem publicações on-line e gratuitas, embora seja possível estimar que atinjam um público mais restrito.

A edição mais recente de Juana Inés no Brasil foi publicada no final de 2023 pela Editora Machado. "Poesia selecionada de Juana Inés de la Cruz" contém vinte e oito traduções por Alex Cojorian. Essa edição inovou ao trazer várias primeiras traduções ao português, tais como as redondilhas que se encontram no início das "Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz: lírica personal", incluindo a introdução em versos da escritora *Esos versos, lector mío* (núm. 1), bem como a cinco sonetos burlescos (núms. 159 a 163). Além disso, incluiu cinco vilancicos, um gênero textual que havia sido praticamente ignorado por edições brasileiras anteriores.⁷

Em um panorama mais geral, observa-se que algumas obras de Juana Inés receberam mais de uma tradução, ocasionando o fenômeno a que se designa retradução. Considerando-se tanto publicações editoriais quanto acadêmicas, o poema *Hombres necios que acusáis* foi traduzido sete vezes, seguido do soneto *Esta tarde mi bien cuando te hablaba*, com cinco traduções. Outros sonetos também chegaram a ser traduzidos de duas a três vezes, como *Con el dolor de la mortal herida* (nº 172), *Detente, sombra de mi bien esquivo* (nº 165), *Al que ingrato me deja, busco amante* (nº 168) e *Diuturna enfermedad de la esperanza* (nº 151). É possível propor a hipótese de que essas retraduições indiquem uma relevância desses sonetos dentro o repertório poético de Juana Inés. Por outro lado, constata-se que a maior parte dos textos selecionados para tradução são poesias, principalmente sonetos, sendo

⁷ Com exceção ao Vilancico núm. 287, que já havia sido traduzido por Manuel Bandeira (1945) e incluso em "Poemas Traduzidos".

restritas as traduções de vilancicos, cartas, loas, autos sacramentais e da relevante obra dramática sorjuanina. Excluídas as retraduições, observa-se que, até 2023, estavam disponíveis em português brasileiro cinquenta e oito títulos, o que equivale a cerca de 15% da obra completa sorjuanina⁸. Isso revela que ainda há enormes vazios tradutórios a serem preenchidos em nosso país, inclusive no que diz respeito a obras reverenciadas no sistema de origem, como o são a comédia *Empeños de una casa*, a *Loa de la Concepción*, o texto em prosa *Neptuno Alegórico* e a *Carta de Monterrey*.

4. Considerações finais

Neste trabalho, partindo-se de Aseff (2023), Bezerra (2016) e Nalerio (2023), apresentamos uma atualização à listagem de traduções brasileiras de Juana Inés até o ano de 2023. Essas informações foram compiladas em dois quadros, a partir dos quais comentamos um "status tradutório" da autora no Brasil, bem como obras suas que foram retraduzidas e os vazios tradutórios que ainda permanecem, inclusive de títulos reverenciados no sistema de origem. A partir de Nalerio (2023), analisamos a presença de Juana Inés em publicações acadêmicas brasileiras entre 2007 e 2023. Por certo, considerando-se que Nalerio (2023) realizou buscas na Hemeroteca Digital Brasileira (da Fundação Biblioteca Nacional), na plataforma Lattes (do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em portais de periódicos da área de tradução e em repositórios de universidades brasileiras que possuem cursos em nível de graduação ou pós-graduação em Estudos da Tradução, é possível afirmar-se que outras traduções brasileiras a obras de Juana Inés ainda podem estar à espera de serem identificadas. Por essa razão, indicamos que são sumamente bem-vindas pesquisas posteriores em periódicos ainda não digitalizados para integrar a Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, sobretudo nos que se destacaram por privilegiar publicações de traduções, como o foram a *Revista do Globo* (1929 – 1967) e o *Caderno de Sábado*, do *Jornal Correio do Povo* (1967 – atual), para estar-se apenas com exemplos gaúchos. Buscas mais

⁸ Considera-se como total o montante de 413 obras, com base nas obras numeradas e organizadas nos quatro tomos das Obras Completas (CRUZ, 2012, 2016, 2017a, 2017b).

finas entre as produções acadêmicas que ainda não foram transpostas ao meio digital são também necessárias para um panorama mais completo da historiografia da tradução no Brasil, em geral, e de Juana Inés em traduções brasileiras, em particular. Ainda assim, estima-se que este trabalho pôde operar como um facilitador para trabalhos futuros, sobretudo para novas traduções de obras sorjuaninas e, em especial, para as ainda inéditas em nossa língua.

Referências

- ARISTIMUNHO, Fábio. Tradução de um poema moralista de Sor Juana Inés de la Cruz (Juana de Asbaje y Ramírez), poeta e freira mexicana (1648?-1695). **Medianeiro Blogspot**. 22 mai 2007. Disponível em: <http://medianeiro.blogspot.com/2007/05/poema-sor-juana-ins-de-la-cruz.html>. Acesso em: 29 mar 2023.
- ASEFF, Marlova. **Poesia Traduzida no Brasil**. Disponível em: <https://www.poesiatraduzida.com.br/>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- BEZERRA, Mara G. **Tradução comentada da peça teatral Amor es más laberinto de Sor Juana Inés de la Cruz**: o emaranhado jogo das antíteses. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 dez. 2023.
- COJORIAN, Alex. **Currículo do sistema Lattes**. [Brasília]. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0600727790513728>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- CORRÊA, Mariza. Trampas do traje. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p.185-200, 2004.
- COSTA, Walter Carlos. Bandeira, importador de poesia. **Revista Travessia**: Manuel Bandeira (1886-1986) – SC, Florianópolis, v. 5, n. 13, 1986.
- CRUZ, Juana Inés de la. **7ª estrofe de Amado sueño mio**. Seleção e tradução de Mário Faustino. Rio de Janeiro: "Pedras de toque", Jornal do Brasil, nº 38, 04 ago. de 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_07&pagfis=77051. Acesso em: 15 jul. 2022.

CRUZ, Juana Inés de la. **Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz I: lírica personal.** Edição, introdução e notas de Antonio Alatorre. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

CRUZ, Juana Inés de la. **Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz II: vilancicos y letras sacras.** Edição, introdução e notas de Alfonso Méndez Plancarte. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2016.

CRUZ, Juana Inés de la. **Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz III: autos y loas.** Edição, introdução e notas de Alfonso Méndez Plancarte. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2017a.

CRUZ, Juana Inés de la. **Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz IV: comedias, sainetes y prosa.** Edição, introdução e notas de Alberto G. Salceda. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2017b.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine, COSTA, Walter Carlos. Apresentação. GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine, COSTA, Walter Carlos (Orgs.) **Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI.** Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013, p. 7 - 12.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991).** Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOZEF, Bella Karacuchansky. **História da literatura hispano-americana.** 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

KAHMANN, Andrea; NALERIO, Nathaly. Traduzir a poesia de sóror Juana Inés de la Cruz: manipulação da fama literária, experiência ou usurpação luciferina? Porto Alegre: **Revista Translatio**, n. 17, p. 69-85, 2019.

LUISELLI, Alessandra. **Década de 1920: Sor Juana irrumpe en el canon literario.** PERELMUTER, Rosa (Org.). La recepción literaria de Sor Juana Inés de la Cruz: un siglo de apreciaciones críticas (1910 - 2010). New York: IDEA, 2021.

MALAVOGLIA, Fabio. **Soror Juana Inés de la Cruz: redondilhas.** Rádio Cultura FM 103,3, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/soror-juana-ines-de-la-cruz-redondilhas>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MORA, Carmen. **Década de 1910: el renacimiento de Sor Juana.** PERELMUTER, Rosa (Org.). La recepción literaria de Sor Juana Inés de la Cruz: un siglo de apreciaciones críticas (1910 - 2010). New York: IDEA, 2021.

NALERIO, Nathaly Silva. **História da tradução de Juana Inés de la Cruz no Brasil e cinco sonetos traduzidos para o português-brasileiro com comentários.** 2023. 148f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la Cruz ou as armadilhas da fé**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PERELMUTER, Rosa. **La recepción literaria de Sor Juana Inés de la Cruz: un siglo de apreciaciones críticas (1910-2020)**. Nova York: IDEA, 2021.

SCHRAMM, Roberto M. **Amo minha semelhança: Eco, Narciso, e a poesia hispânica nos Poemas Traduzidos de Manuel Bandeira**. Ediciones Universidad Salamanca. Centro de Estudios Brasileños. Salamanca, 1ª ed, 2015 [e-book].

VALLERIUS, Denise Mallmann. **Borges em nova tradução: regionalismo para além das fronteiras**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.